

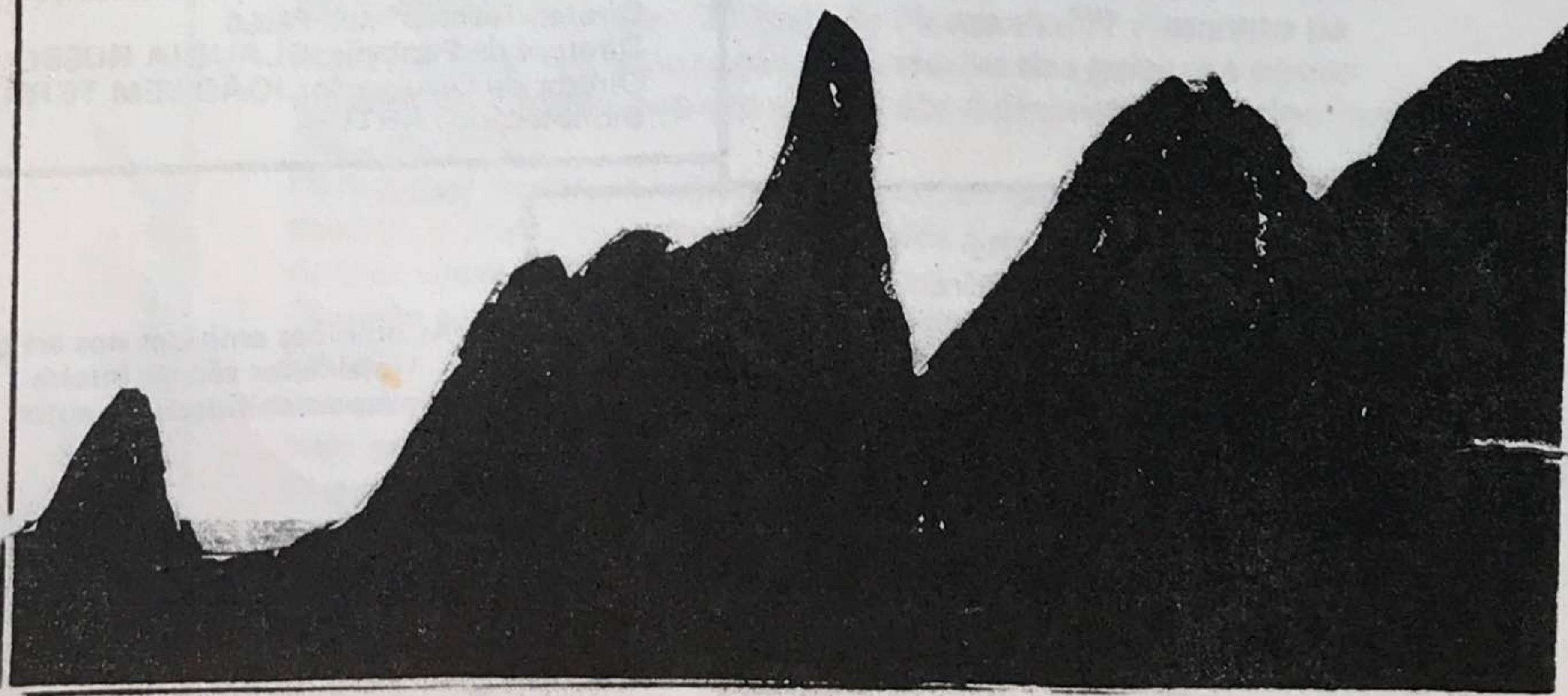
C.E. Rio de Janeiro

O C.E.R.J. deseja que o Homem jamais esqueça da igualdade que o caracteriza diante de todas as suas diferenças, nunca deixando de lado as lições insubstituíveis de sua verdadeira mãe: a Natureza...

E que o ano de 1987 seja o ano da Ecologia, pois havendo equilíbrio entre nós e as forças do Universo, talvez fiquemos mais próximos do equilíbrio entre nós mesmos.

Em outras palavras, desejamos que o Homem aproxime-se mais dos mais elevados sentimentos de comunhão e conquiste novos caminhos de paz e harmonia.

1986/1987



O CERJ É TRABALHO VOLUNTÁRIO E MENSALIDADE EM DIA

*Nossos parabéns à cidade de VOLTA REDONDA por
haver recebido um prêmio, ao mesmo tempo que
enviamos nossos pesames por esse prêmio
ter sido o de 1º lugar no país em
CRIMES COMETIDOS CONTRA O MEIO-AMBIENTE.*

Presidente: RICARDO GUARANÁ
Vice-Presidente: PAULO ROBERTO ("jogo")
Secretário: FLÁVIO PEIXOTO
Tesoureiro: ANSELMO PIRES
Diretora Social: NORMA DE ALMEIDA
Diretor Técnico: AUT-PAULO
Diretora de Ecologia: CLÁUDIA RUSSO
Diretor de Divulgação: JOÃO SEM TERRA
Bibliotecário: ARTUR

BOLETIM DO CERJ
Editor: João Sem Terra
Composição/Arte Final: João Sem Terra
Colaboradores: Sílvia Fitipaldi, Paulo
("jogo"), Kátia Matosinho, Ronaldo Paes,
Oscar de Sá, Antônio Paulo, Daniel Alvarenga,
Amílcar, Santa Cruz e quem mais quiser

As opiniões emitidas nos artigos
assinados são de inteira
responsabilidade do autor

FORÇA E UNIÃO

É do conhecimento de todos (principalmente de nós brasileiros) as dificuldades espinhosas que decoraram a paisagem deste ano de 1986 que atravessamos sabe lá Deus como...

Evidentemente no C.E.R.J. essa situação se refletiu de forma bem clara, pois se as garras da inflação e da estagnação atingiu até mesmo as empresas que competem no mercado, que têm um público consumidor e fazem uso (e até abuso) das leis competitivas de nossa sociedade baseada na livre iniciativa, imagine-se então nosso Clube, cujo único interesse é perpetuar as tradições de uma atividade ainda totalmente desconhecida para a maioria (digamos, 95%) de nossa população...

Realmente, não é fácil falar em tradição num país sem memória e com o dinheiro escondido debaixo de travesseiros tecidos com a lã e a seda mais pura, enquanto a injustiça social deita pessoas sobre caixotes ou sob lonas...

Nós da diretoria, apesar de todas as crises econômicas e políticas que ocorreram em nosso meio, realizamos um trabalho. E se formos traduzir a palavra, poderíamos que seu significado é vasto: vai do simples ato de pegar numa vassoura até o sacrifício de tirar dinheiro do próprio bolso (anonimamente) para cobrir despesas... Poderíamos também dizer que trabalho é receber os sócios novos com um sorriso seguro, sem deixar que ele perceba que uma gota de suor (fruto de muito trabalho) está correndo na nuca, por baixo dos cabelos...

Trabalho é assumir um compromisso e levá-lo até o fim da forma mais honesta possível, dentro dos princípios morais e técnicos que rege nosso Estatuto... Trabalho também é parar... mas para avaliar o que foi feito, buscando o aperfeiçoamento para o que vamos fazer a partir de agora... E.T.G.E??? Fimoteca??? Ecologia??? Partido Verde??? Curso Básico??? Sede de Montanha??? Aumento de Mensalidades??? Participação mais efetiva dos guias um pouco afastados??? Maior respeito diante dos Administradores dos Parques Florestais???

Parece que podemos concluir, a partir do que foi dito aqui, que uma palavra — *trabalho* — pode ser definida longe dos dicionários e perto da boa-vontade diante dos obstáculos, ou seja, define-se com a prática... Quando somos a favor de alguma coisa, devemos aplaudi-la.

Quando somos contra, devemos nos unir a esta coisa, e procurar transformá-la a partir de suas próprias contradições, dentro do mais leais princípios democráticos de convivência dialética...

O que nós da Diretoria do CERJ desejamos é que as palavras se aquietem um pouco, e abram alas para a ação...

Desejamos, da forma mais realista possível, que os obstáculos não desapareçam, não... Pelo contrário, que surjam sempre e sempre para que desperte em nós, dentro do Clube, um belo espetáculo de força e união.

Editorial

PROGRAMAÇÃO DE EXCURSÕES

DIA	LOCAL	CLASSIFICAÇÃO	GUIA
10/Sáb.	C.E. Paineiras	Treinamento	Guaraná
11/Dom.	P. São Bento	1º Grau	Paulo
17/Sáb.	C.E. Morro Bica	Treinamento	Anselmo
17/18/19	Ilha Grande	Acampamento	Paulo
24/Sáb.	Dedo de Deus (Leste-M. Cebola)	3º Grau	Santa Cruz
1/Dom.	C.E. Grajaú	Treinamento	Anselmo

PÁRA-RAMPA: MONTANHISMO COM ASAS

Oscar de Sá

Recentemente tomamos conhecimento da prática do pára-quedismo como segunda etapa no montanhismo (pára-rampa), ou seja, a descida.

Dois esportes de grande emoção se fundem, e, não tenham dúvidas, para praticá-los, só mesmo elementos aficionados por aventuras de igual nível como o são esses dois esportes. Pouco conheço de montanhismo, face ao meu recente envolvimento prático e teórico junto ao CERJ, mas posso afirmar, apesar do alto nível de segurança, tratar-se o Montanhismo de grande emoção e força de conquista. Agora, de pára-quedismo, descobro-me da manta da modéstia e posso afirmar conhecê-lo profundamente.

Com seu apogeu na década de 70, o pára-quedismo descobriu novos caminhos. Passou de um simples exercício de queda livre estável, para manobras individuais controladas (estilo), trabalho em dupla com a passagem de bastão a que se deu o nome de trabalho relativo revolucionando este esporte, sobre todos os aspectos homem e máquina. E para que este trabalho relativo continuasse evoluindo novos equipamentos surgiram, com mais rendimento e sensibilidade, permitindo a alguns paraquedistas mais audaciosos lançar-se de prédios, pontes, torres e montanhas com toda a segurança, após pequenas adaptações no equipamento.

Eis que recentemente, surge o pára-quedas como alternativa de descida do

montanhista (pára-rampa) em alguns países europeus, mais precisamente na França, e o equipamento usado é um velame de última geração, que varia de 9 a 11 células, obviamente, com muita área de sustentação (muito sensíveis em suas extremidades, creio eu), pois só agora está se usando equipamento quadrado de 9 células, no pára-quedismo propriamente dito. Os mais comuns ainda são os de 7 células, e somente permitidos a paraquedistas Categoria B em diante.

Estendi-me um pouco nesta explanação, simplesmente para fazer notar que os praticantes desse novo esporte são, pelo menos, pára-quedistas de bom nível técnico, pois, acima da aplicabilidade deste tipo de pára-quedas, está o perfeito relacionamento entre ambos, homem e máquina.

Não acredito que seja difícil o manuseio desses equipamentos como alternativa do montanhista, mas sugiro a devida precaução para aqueles que mesmo pára-quedistas não tenham tido a oportunidade de conhecer na prática um velame quadrado, suas reações e como dominá-las.

Sugiro também que se acompanhe a evolução desse processo até que se alcance um índice de segurança satisfatório. Ao interessados, já existe algum pára-quedista no Rio de Janeiro, do Pára-Clube Olímpico ao qual pertenço, com algumas experiências na Pedra da Gávea, os quais, acredito eu, serão prestativos, se procurados

BALANCETE = 1986

CRÉDITOS

Caixa	738,10
Banco Real	716,16
Mensalidades	12.355,00
Doações	3.032,50
Boutique e Cantina	8.742,26
TOTAL	25.584,02

DÉBITOS

Impostos e Taxas	3.646,54
Despesas de Condomínios	6.178,94
Luz	893,26
Telefones	695,63
Material de Consumo	1.090,00
Correio e Telégrafos	379,65
Móveis e Utensílios	7.200,00
Material Técnico	5.500,00
TOTAL	25.584,02

QUEIMADURAS

3ª parte

UM CASO MUITO ESPECIAL: QUEIMADURA NOS OLHOS

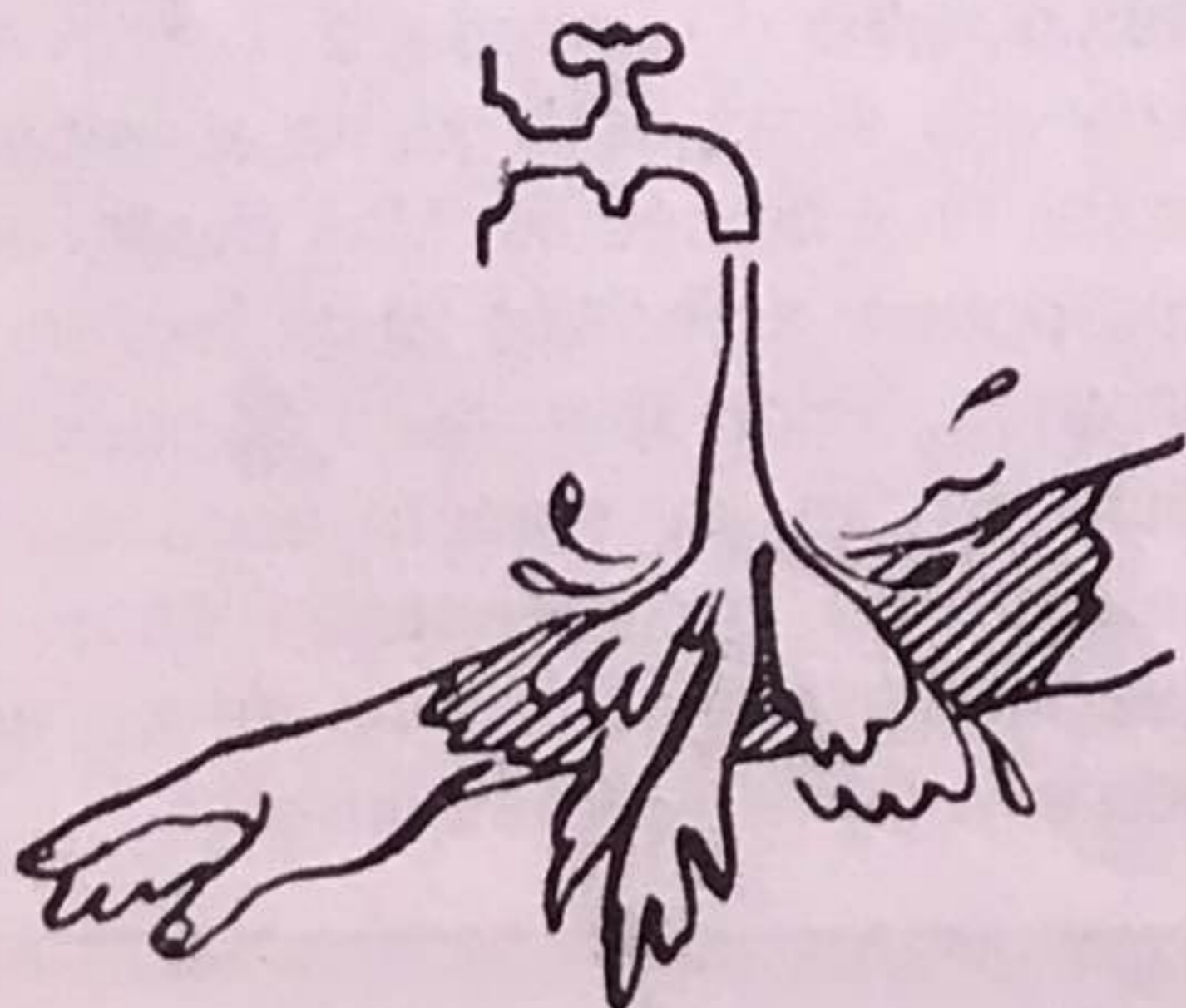
Podem ser produzidas por substâncias irritantes – ácidos, álcalis, água quente, vapor, cinzas quentes, pó explosivo, metal fundido, chama direta...

TRATAMENTO

a) Lavar os olhos com água em abundância ou se possível com soro fisiológico, durante vários minutos.

b) Vendar o(s) olho(s) atingido(s) com uma gaze ou pano limpo.

c) Levar ao médico com a possível brevidade.



NAS QUEIMADURAS POR AGENTES QUÍMICOS

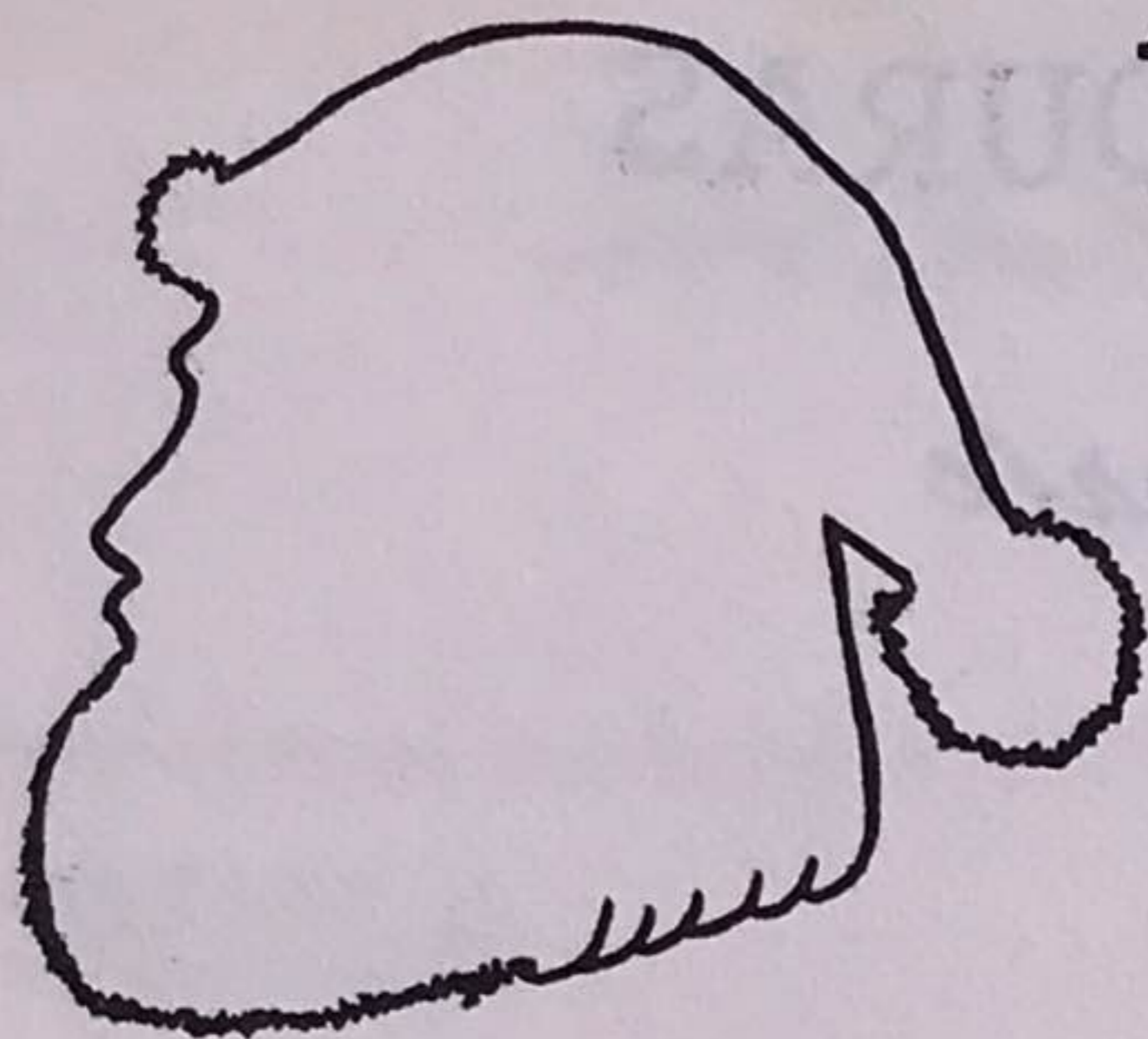
A) Lave a área atingida com bastante água;

b) aplique jato de água, enquanto retira as roupas da vítima.

c) Proceda como nas queimaduras térmicas prevenindo o choque e a dor.



A VELHA MOCHILA DE NOEL



joão sem terra

Existe uma antiga procissão religiosa, se não me falha a memória, na Índia, que todos os anos procura chegar a um templo no alto de uma montanha, através de uma trilha bastante difícil. Por incrível que pareça (pelo menos para nossa ótica materialista ocidental) o objetivo destes homens não é exatamente chegar lá em cima. De tão árdua que é, esta caminhada, ao seu final, deixa alguns mortos pelo caminho.

Acontece que isto não é considerado uma tragédia; pelo contrário, estes que sucumbiram durante a subida são venerados por terem tido a "sorte" de passarem para a "outra vida" durante aquela excursão.

Eu contei esta estorinha devido a data natalícia que mais uma vez atravessamos e a estranha excursão que, guardadas as suas claras diferenças, encontramos alguma proximidade com a qual estamos mais habituados.

Nosso objetivo, naturalmente, não é morrer. Quanto mais suor, quanto maior o esforço, mais próximos da vida estamos, vivenciando nuvens, paisagens extensas de verde: ver o mundo, lá de cima, tão pequeno, é senti-lo até de nossa propriedade sem possuir domínios!!!

Com prudência, técnica, amor à natureza e amor próximo praticamos nossa "reli-

gião" (MONTANHISMO) cuja característica maior é a de ser uma realidade a ser alcançada por si mesma: o próprio meio é o fim. Em raros momentos encontramos oportunidade de sair do círculo vicioso de nossas vidas, onde o cotidiano nos obriga quase sempre a usar o fim para justificar os meios, né mesmo?!

Não subimos uma montanha apenas para chegar a um determinado lugar, mas também e principalmente "atravessarmos lugares", "criarmos lugares", "sermos lugares" ... e por aí vamos!!!

Se soubermos praticar o montanhismo como uma das mais profundas filosofias de vida, poderemos sem exagero aproximado, à cada dia, do dia 24/12.

E esse papo nos lembra de um homem de barba e cabelos brancos e idade avançada. Dizem que sua mochila anda um pouco velha e remendada. Dizem até que uma das alças está quase arrenbentando nesse final de século. Mas dentro dela (todos podem acreditar) ainda tem muita esperança, amor, fé e muita disposição para levar ao mundo, sempre andando a pé e sem pressa, sua mensagem de que a paz que habita as montanhas desça as cidades e re-humanize os homens!



DAVID COM "PREGUIÇA"

Nosso colega do CERJ, o David, contou-nos uma estória exemplar para as pessoas que ainda se mostram insensíveis ao trágico ecocídio que caracteriza nosso final de século.

Um estória simples, porém se fosse o elo de um movimento integral, de todas as pessoas, as coisas não andariam tão críticas entre nós, homens e natureza.

Ocorreu em Campo Grande, enquanto nosso amigo, apicultor, procurava enxames de abelhas.

Ele encontrou três pessoas tentando tirar uma preguiça do alto de uma árvore, operação que durou mais ou menos 4 horas. Os homens(?) jogavam pedras, paus e sacudiam a árvore tentando assim melhorar o parco almoço deles, pessoas sem maiores recursos (eis mais um momento de tragédia ecológica e social).

No final das contas, David conseguiu convencer aquelas pessoas de que a preguiça é um dos animais que está em perigo de extinção. Levou então o animal para o Departamento de Biologia do nosso Zoológico.

É motivo de orgulho para nosso clube saber que entre nós existem pessoas que além de montanhistas, também se mostram sensíveis ao futuro de nossa fauna e flora. Parabéns, David.

AMÍLCAR, A MILI!!

A Diretoria ultimamente tem contado com um apoio fundamental: é o nosso colega Amílcar que tem trabalhado pelo CERJ de forma efetiva, atuando em diversas áreas em que se faz necessária sua ajuda, seja na cantina, no Boletim, na Cinemateca, etc...

Não poderíamos deixar de registrar também um fato bem característico de países culturalmente primários, como o Brasil: o Amílcar foi no MIS (para quem não sabe, Museu da IMAGEM e do Som) para ver se conseguia algum filme interessante para passar no nosso clube e estranhamente descobriu que lá não existe Filmoteca... É mole, ou quer mais?!

FESTA DE NATAL

Realizou-se com pleno êxito a festa de natal do Centro Excursionista Rio de Janeiro. As pessoas presentes ao evento parece que foram dispostas a se divertir pra valer, sem se incomodar muito a formalidade característica de toda ceia.

No Abrigo 1 (não sabemos mais porque ainda este lugar assim se chama, pois há muitos anos os outros abrigos foram destruídos...) foi o lugar onde nos divertimos, tendo a ceia sido abrilhantada por uma grande algazarra, que tentaram chamar de seresta...

E no dia seguinte não faltou o já tradicional "futebol-na-lama", tão pessimamente jogado que ora parecia cenas de um Quarup, ora parecia lances de futebol norte-americano.

SÍLVIA! SÍLVIA! SÍLVIA!

Gostaríamos de agradecer de todo o coração a ajuda imprescindível que a diretoria está recebendo de pessoas sinceramente honestas em seu amor pelo nosso querido clube, o CERJ, pessoas essas que, como nós, não ganham nada com isso, em termos financeiros, mas que, quando descem as montanhas, não esquecem que para nossa atividade possa continuar acolhendo os futuros montanhistas que perpetuarão nosso esporte, é preciso muito trabalho e muito mais espírito de sacrifício.

Dente essas pessoas poderíamos citar, por exemplo, SÍLVIA FITIPALDI (bastante polivalente: 1) junto a NORMA, diretora social, tem organizado nossas festas; 2) Atual responsável pelo movimento da cantina, onde tem sido brilhantemente assessorada por João Sem Terra, Mercava, Amílcar, Kátia e outros voluntários que se revezam na árdua tarefa de carregar caixas de bebidas, lavar copos... e até mesmo correr atrás dos que se esquecem de pagar a conta... 3) Colaboração efetiva no boletim do Clube com belos artigos; e vai por aí a fora).

Parabéns, Sílvia, e obrigado, em nome da tradição cerjense.



Alta Montanha

Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 1987

Caros Amigos.

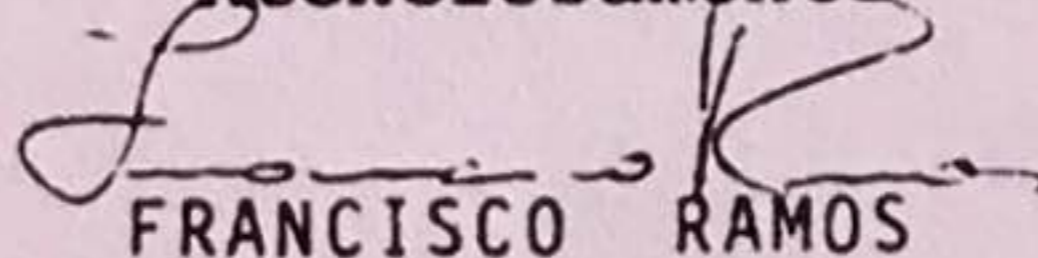
A ALTA MONTANHA traz este ano uma proposta nova a comunidade montanhista e excursionista em geral.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo montanhista no Brasil é reunir todos os equipamentos necessários para praticar nosso esporte. Visando dar um primeiro passo para a solução deste problema, a ALTA MONTANHA se propôs uma metamorfose, deixando de atuar somente como fábrica e loja para se transformar num verdadeiro entreposto de informações e equipamentos novos e usados.

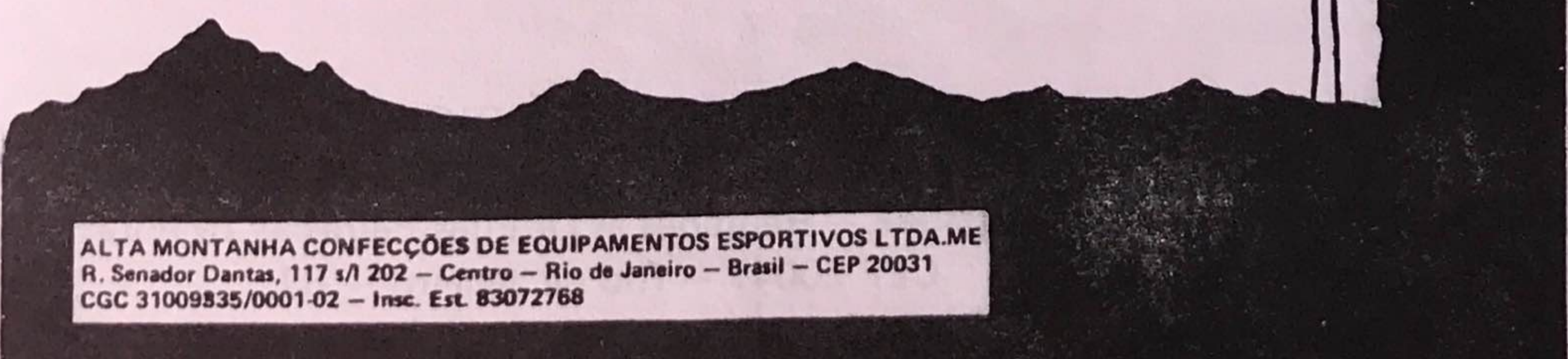
Para isso, convocamos a todos os fabricantes de equipamentos a entrarem em contato conosco para uma possível divulgação e/ou comercialização de seus produtos. Convocamos também aos clubes e demais entidades ligadas ao meio, bem como aos próprios montanhistas a colaborarem, fornecendo croquis de novas conquistas e caminhadas, e informando sobre eventos e acontecimentos ligados ao montanhismo e ecologia, para que possamos também colaborar em sua divulgação.

Certos da colaboração de todos, esperamos pela sua visita.

Atenciosamente



FRANCISCO RAMOS



ALTA MONTANHA CONFECÇÕES DE EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS LTDA.ME
R. Senador Dantas, 117 s/l 202 - Centro - Rio de Janeiro - Brasil - CEP 20031
CGC 31009835/0001-02 - Insc. Est. 83072768



ENERGIA NUCLEAR E PROBLEMAS AMBIENTAIS

Palestra do Engenheiro Pedro Paulo ("Doca", do C.E.C.)

Dia 28 de Janeiro – 20:00 horas

LOCAL: Centro Excursionista Brasileiro

PROMOÇÃO: C.E.R.J.

REUNIÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO

Dia 05/02/87 – em nossa sede

DESTINATÁRIO:

**CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 277 / 805 – Edifício São Borja
Tel. 220.3548 – Reuniões às Quintas Feiras às 19 horas
CEP 20047 – Rio de Janeiro – RJ**

impresso